FACONNECT / A CASA TOMBADA

MARIA REGINA ZAGO LEITE DA SILVA

REFLEXOS: experiências vividas e refletidas entre o eu e o outro na constituição do sujeito

Trabalho de Conclusão do Curso de Pós-Graduação Lato Sensu "Saberes populares para a Arte e Educação nas vivências da Carroça de Mamulengos" apresentado como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de especialista em Arte/Educação, sob orientação da Profa. Schirley Pinheiro França.

Bragança Paulista/SP

2022

Olho no espelho

e vejo o tempo

o tempo estampado das experiências

do que sou eu.

Tanta vida

tanta história

do meu eu no reflexo de outros.

afetos mágicos

que fizeram de mim o que sou

ver, resgatar, recriar!

Espelhar

e ver meus traços em cada face

e são tantos!

Retratos nossos

muitas histórias

a me fazer sorrir

ou chorar.

Olhem!

a moldura do espelho se enfeita

para receber cada lembrança

e a luz se acende como em um espetáculo

e começa o show...

lá estou eu

em meu berço de papelão

de nuvens de algodão.

Com minha mãe a cantarolar

uma canção de ninar.

E no espelho mágico da vida

o reflexo de um nós

no qual sobrevivi

o colo dos que me ninaram

e das meninas sapecas

que choraram e sorriram comigo

dividindo uma maçã

e aprendendo a nos saciar

da abundância do nosso brincar

e depois delas ele...

em um esboço de outro *nós*

da toada do amor e do desejo

da paixão, e do enamorar...

retratos de vida

chegadas e partidas

saudades

desavenças e arestas a aparar

piano em duas mãos

e uma única canção.

Então a porta se abre

e o véu se estende

em uma calda branca

alianças abençoadas

vidas entrelaçadas.

Olhem!

Lá estou eu outra vez

com novos outros

e o amor incondicional

nossos filhos

a fazer sussurrar de amor meu olhar

para a menina esperta dos olhos de gato

e doce menino que encanta no silêncio.

Quanto tempo se passou

o que mais fazer por mim?

Sonhar, acreditar

ensinar, aprender, criançar...

criançar para educar

e nossa casa fez valer o sonho

de eco escola que também sou eu

o rio, o verde, o correr dos esquilos

o cantar sereno dos passarinhos

as crianças...

um sonho que se sonhou junto

semente que floresceu

e se fez conhecimento

lugar de aprender

com cheiro de mato

e sabor de espaço

do ser natureza.

Tantos reflexos!

e muito a comemorar

relembrar, recriar, inovar...

mais de trinta anos a celebrar

em *retratos* no espelho da vida

para dar-me de presente

a emoção do reencanto

com imagens do meu eu

mas olhem!

Olhem no espelho

mais uma vez

e lá está, aqui e agora,

o mais lindo encontro

no doce sorriso da menininha risonha

chega meu eterno *vir a ser*.

Pois hoje

eu também sou **MARIAH !**

Dedico este trabalho a minha mãe, dona Iris, educadora, sem diploma, desde sempre, costureira dos preciosos retalhos da infância que vivi, proporcionou-me um grande entendimento sobre a minha vida, por simplesmente viver a sua. E ao meu pai, seu Deldébio, por ter me permitido uma infância simples, experienciando momentos inspiradores e transformadores com a natureza.

AGRADECIMENTOS

Aos amores da minha vida: Sergio, Serginho, Raissa e Mariah...pelo carinho, pelo amor, pela inspiração, pelo incentivo e por sempre acreditarem que tudo o que faço é possível. A vida é sempre melhor quando temos com quem dividir.

Gratidão a Schirley Pinheiro França pela generosidade em compartilhar aprendizagens e pela forma carinhosa como conduziu as orientações deste trabalho.

Agradeço a Flavia Otatti Valle pelas sugestões, revisões, incentivo, amorosidade na construção deste estudo e pela sua disponibilidade em participar da banca de defesa do trabalho.

Aos viverdianos por acolherem meus sonhos e desejos de fazer educação. Inspiração constante.

RESUMO

Ao reunir a escrita acadêmica a poética, esse trabalho faz alusão à simbologia do espelho, por meio da qual trata das experiências vividas e refletidas entre o *eu* e o *outro* na constituição do sujeito, seja como indivíduo seja como ser social.

Inspirada na vivência da Carroça de Mamulengos e composto por quatro capítulos, chamados de *reflexos*, a autora revisita, reflete e discute os encontros de sua história que fizeram de seus sonhos, realidades conquistadas para o bem de si e dos grupos sociais em que vive.

Conclui que a experiência do *nós* na vida de cada um é a celebração de uma festa em comunidade, na qual o sujeito pode desfrutar dos resultados e projetar o que de melhor podemos fazer nós mesmos e pelos outros.

Palavras chave : Carroça de Mamulengos – eco escola - reflexos - vivências - Viverde

ABSTRACT

By bringing together academic writing with the poetic, this work alludes to the symbology of the mirror, through which it deals with the experiences lived and reflected between the self and the other in the formation of the subject, either as an individual or as a social being.

Inspired by the experience of the “Carroça de Mamulengos” and composed of four chapters, called reflexes, the author revisits, reflects and discusses the encounters in her history that made her dreams, realities conquered for the good of herself and the social groups in which she lives

It concludes that the experience of we in each one's life is the celebration of a community party, in which the subject can enjoy the results and project the best we can do for ourselves and for others.

Keywords: Carroça de Mamulengos - eco school - experiences - reflexes - Viverde

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....10

REFLEXO 1

Eu sou minha **ANCESTRALIDADE FEMININA.....13**

REFLEXO 2

Eu sou o meu **BRINCAR.....17**

REFLEXO 3

Eu também sou os **HOMENS DA MINHA VIDA.....23**

REFLEXO 4

Eu sou a **VIVERDE.....27**

4.1- Como tudo começou**.....28**

4.2- E do sonho se construiu realidade... **.....30**

4.3 - Para se ter uma ideia do que significa **"VIVERDEAR"...31**

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Eu sou a **FESTA.....35**

BIBLIOGRAFIA.....40

INTRODUÇÃO

Interessei-me pela Pós- graduação “Saberes populares para a Arte e a Educação nas vivências da Carroça de Mamulengos” oferecida pela Casa Tombada[1], a Faconnect e a Carroça de Mamulengos[2] pela riqueza do teor da proposta e, também, por notar semelhanças entre o projeto de nossa eco escola Viverde e o projeto da Carroça de Mamulengos em que seus criadores pretendiam educar seus filhos de uma forma diferenciada. Assim também a Viverde foi criada.

Em 1991, na cidade de Bragança Paulista, criei a escola no quintal da nossa casa, uma chácara com uma natureza preservada e bem cuidada. Comecei com 3 alunos (meus 2 filhos e o filho do caseiro) e hoje, com 650 alunos e mais uma unidade em Socorro, São Paulo, trabalho na realização do sonho que brotou da vontade de educar meus filhos de uma forma que, na época, nenhuma outra escola faria, integrando-os com a Natureza e priorizando a arte e a cultura como elementos fundamentais no desenvolvimento intelectual e cognitivo de um ser humano.

Tornar-me avó, recentemente, foi outro fator que muito me motivou a optar por essa pós-graduação, pois sua proposta me colocaria diante de uma rica busca no universo da arte, da cultura e da educação nutrindo minha alma para essa nova e singular etapa de minha vida. E assim aconteceu.

Em outras palavras, fui em busca da itinerância cultural ao redor do Brasil que a Carroça de Mamulengos realizou ao longo de muitas gerações.

---

[1] Casa Tombada- Lugar de Arte, Cultura e Educação. Desde a sua fundação, A Casa vinculou-se à Faconnect-Faculdade de Conchas, como polo desta instituição concede, coordena e realiza cursos de pós-graduação e cursos de extensão universitária.

[2] Carroça de Mamulengos-trupe de formação familiar que há mais de 40 anos apresenta sua arte para o mundo.

Encantou-me a possibilidade de explorar memórias, histórias, sonhos, oralidades, criações na arte da brincadeira, conviver com mestres da nossa cultura e manter viva a tradição e a cultura popular, o que nós também tanto valorizamos e vivenciamos na Viverde.

Assim, sobre a temática “O que nós podemos fazer por nós mesmos?”, segundo o mestre e padre Ibiapina, optei por trabalhar a partir de minha história de vida e do sonho da construção de nossa eco escola, a fim de buscar, no espelho da minha existência os retratos de tudo aquilo que fez de mim o que sou e do que fez de nosso sonho uma escola que faz a diferença no mundo.

Nesse processo, mesmo on line, vivenciei ricos encontros de aprendizado e, na troca tão afetiva com os colegas, um reviver de sonhos, encontros e experiências vividas, sempre atenta aos reflexos que podem levar a Viverde a continuar fazendo a diferença na vida de nossos alunos. E então chorei, sorri, me vi, tive saudades do que vivi e do que ainda vou viver.

Cada capítulo será chamado REFLEXO, pois exibem no espelho dessas páginas as diversas faces do meu eu em meio a tantos nós.

No primeiro reflexo escrevo sobre lembranças e vivências com mulheres fortes e encantadoramente empoderadas que desde cedo fizeram parte da minha vida. Minha ancestralidade feminina que segue em frente em encontros memoráveis com minha filha, minha neta, minhas alunas e colegas na escola.

No segundo reflexo apresento os retratos coloridos e alegres do brincar. De um brincar simples e inventivo, sempre colaborativo entre mim, as outras crianças e a natureza, para mim o lugar e a fonte dos brinquedos e brincadeiras. Experiências que tanto permearam e ainda inspiram minha vida de educadora e mantenedora de uma eco escola.

No terceiro reflexo reluz o meu nós com o masculino, meu pai e meu companheiro de vida com quem vivi, vivo e aprendi sobre as diversas formas de amor. O amor aos animais, o amor à música, o amor à natureza, o amor

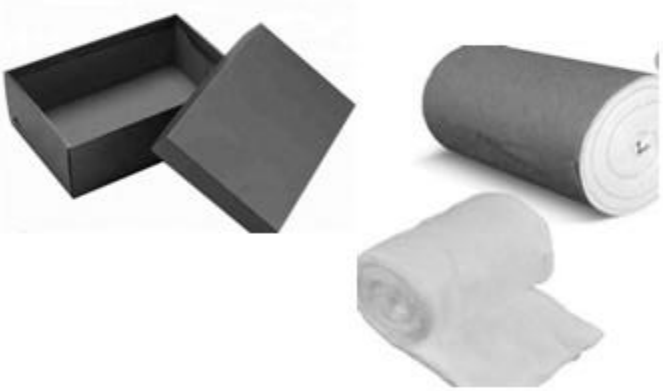
enamorado, o amor à família, o amor à educação que continuam a refletir no espelho da minha existência.

No quarto reflexo estão retratadas todas as etapas do sonho que se fez e se faz realidade todos os dias: a criação e todo o trabalho realizado na VIVERDE e, a partir dele, todas as possibilidades do que de melhor, como educadores que prezam a formação humana e se comprometem com a preservação da natureza, poderemos fazer por nós, pelas crianças e jovens em um constante vir a ser.

O quinto reflexo é na verdade o desejo de tecer as confluências comunitárias trabalhando nos processos educacionais, a festa como celebração, como fruto de todas as vivências e que se refletem no espelho não como algo passado, mas como uma vida pulsante que se abre e inspira a um continuar acreditando que podemos fazer o melhor por nós mesmo, ou seja, no caminho do esperançar. Nossa Festa Junina desse ano, inspirada na Carroça de Mamulengos, comemorou lindamente a conclusão e o recomeço.

REFLEXO 1

Eu sou minha **ANCESTRALIDADE FEMININA**



REFLEXO 1

Eu sou minha ANCESTRALIDADE FEMININA

A imagem do meu *eu nascente* foi bordada, no mais delicado tecido do meu ser, por mulheres que fizeram a diferença em minha história. Bordadeiras de vida, sempre que me contavam a história do meu *vir a ser* no mundo, minha avó e minha mãe traziam no semblante um misto de dor e de amor. Com as vozes trêmulas e os olhares entristecidos, assim começavam:

- Não foi fácil Regina, tivemos muito medo de perdê-la.

Mas ao seguir da história, o orgulho da vitória trazia-lhes brilho aos olhos e encantamento à voz. E então, diziam:

– Mas nós vencemos! Com muita fé e um amor sem medida, nós conseguimos.

Se não tinham muito estudo, tinham imensa sabedoria, pois certamente sabiam a importância que os afetos produzidos por essa história teriam em minha existência. Então, tratavam de contá-la e recontá-la, para que sempre fosse lembrada.

E, mais uma vez, elas conseguiram. Souberam, como ninguém, construir, no mais profundo do meu ser, uma memória afetiva.

A primeira lembrança foi a do dia em que eu, já apressada e com sede de viver, resolvi vir ao mundo antes da hora. Nasci em casa pelas mãos de outra mulher abençoada com a sabedoria do *fazer nascer*, Dona Rosa Sgreva. Nasci com sete meses de gestação, em um tempo e em condições nada favoráveis à sobrevivência de uma menininha prematura.

Muito pequenina, fui batizada com um nome significativo, Maria Regina, que carrega a lembrança e o brilho dos nomes de minhas bisavós. Maria, da materna e Regina, da paterna.

Morávamos em uma casa simples e éramos uma família muito pobre, não havia recursos para hospitais. Algumas vezes faltava até mesmo o essencial, como alimentação e agasalhos. E essa é a razão do meu *berço de papelão*. Na verdade, uma incubadora improvisada, pois muito pequenina, com um quilo e seiscentos, eu precisava de cuidados que não tínhamos recursos para ter. E assim me colocaram em uma caixa de sapatos forrada com muito algodão para que eu ficasse bem quentinha.

Eu fico a pensar com que carinho e inventibilidade e, ao mesmo tempo, com que preocupação elas fizeram de uma caixa de sapatos um pedaço do céu, um lugar aconchegante, o mais próximo possível do que eu necessitava para sobreviver. Afinal, tão cheias de fé, devem ter pensado que as nuvens do céu seriam a melhor inspiração para uma incubadora improvisada. E assim me coroaram de toda a energia vital que eu precisava.

Creio que Deus se emocionou com isso e me deu mais um sopro de vida fazendo com que as nuvens de algodão dessem resultado.

Nasci no Dia de Reis, e coincidentemente me chamo Regina, nome que meus pais já tinham escolhido. Coincidência? Pode ser. Ou, quem sabe, um *presente* dos reis magos.

Gosto da afirmação de Erich Fromm em uma obra, que acertadamente, se chama a *Arte de Amar* quando defende sua tese de que *amor é cuidado*.

> O amor é uma atividade, não um afeto passivo (...) Que o amor implica *cuidado* fic*a* evidente no amor da mãe para o filho. De nada adiantaria ela nos garantir que nos ama, se a virmos descuidar do filho, se não se preocupar com alimentá-lo, banhá-lo, proporcionar-lhe conforto físico; inversamente seu amor nos impressiona se a vermos cuidar com desvelo da criança. O mesmo vale para o amor aos animais e às flores. Se uma mulher nos diz que adora flores, mas a vemos esquecer de regá-las, não acreditamos no seu “amor” às flores. *O amor é a preocupação ativa com a vida e o crescimento do que amamos*. (FROMM, Erich. *A Arte de Amar,* p. 33)

Fui cercada de muitos cuidados, portanto, de muito amor. Foi minha avó quem tricotou minhas primeiras roupinhas, pois não havia condições de comprar. Recebemos, da solidariedade de pessoas que nos queriam bem, algumas doações,

mas como nenhuma daquelas roupinhas servia a uma menina prematura de um quilo e seiscentos, foi mesmo as mãos crocheteiras de minha avó que me vestiram. E, claro, minha mãe, mestre dos enfeites e da costura, sempre arrumava um jeitinho de me enfeitar. Sempre!

Ainda hoje, quando conto essa história, lágrimas escorrem dos meus olhos. Mas, junto com elas, uma certeza: - Eu quis muito viver. Como elas, fui uma guerreira.

Minha mãe, dona Iris lutou até para me amamentar, pois no início, devido à prematuridade, mamei leite de vaca com um pouco de água para ficar mais fraco, só depois desceu o leite de minha mãe e ela pode me alimentar como desejava.

O desejo de vida e disposição para a luta foi o grande legado da minha ancestralidade feminina. Força, fé, esperança, amor pela vida e alegria de viver.

E é por isso que eu olho no espelho e as vejo...

Em mim!

E sorrindo para mim.

A todas as grandes mulheres que se fazem reflexo no espelho do mundo...

Meu reconhecimento, admiração e gratidão eterna.

REFLEXO 2

Eu sou o meu **BRINCAR**

REFLEXO 2

Eu sou o meu BRINCAR

Olhar no espelho mágico da infância e saborear os reflexos de um brincar que começou cedo, se transformou, mas que a maturidade não levou, é um dos maiores presentes que posso me dar. É como ver nos *selfies* da minha existência o quanto a vida foi e é encantadora. Afinal, brincar é puro encantamento.

Na história contada pelo meu espelho vejo, com clareza, que foi ali mesmo, na infância, o despertar da minha paixão pelo *brincar e educar* e, ousaria dizer, também o início de minha formação de educadora e de mantenedora de uma escola em que o ***brincar*** perpassa todo o processo de aprendizagem das crianças.

A começar da experiência do *brincar sem brinquedo*.

Ocorre que, naquela época, décadas de 1960/70, indústria e mídia ainda não tinham feito das crianças um nicho promissor de mercado de consumo. Propagandas de brinquedos eram vistas apenas nos períodos imediatamente anteriores ao Natal e ao Dia da Criança. Mas, mesmo nessas datas, nossa condição financeira ainda não nos permitia ganhar presentes.

Muitas vezes, os brinquedos usados, doados a nós e reformados por nossos pais, não eram suficientes, pois somos quatro irmãs de idades muito próximas. Então, revezávamos. Principalmente, as bonecas que eu, mais festiva e moleca, deixava para minhas irmãs e seguia em frente buscando outros jeitos de brincar.

E foi então que um amor sem medidas nasceu para se eternizar: o amor à natureza! Ela, tão generosa, que em abundância, me oferecia tantos materiais e formas de brincar. De criar. De construir. De me divertir. Uma festa de conhecimento regada à fantasia.

Nos tantos reflexos da infância, vejo-me subindo em árvores cantarolando ou pesquisando-as para saber como fazer delas a estrutura para o palco de nossas deliciosas performances. Por conta desses teatrinhos improvisados, as folhas de

bananeiras tornavam-se grandes parceiras. Claro, era delas que brotava grande parte do figurino. E ficavam lindos!

Nesse momento, vale ressaltar a afirmação de um dos grandes estudiosos do brincar, pesquisador nas áreas de cultura e produção simbólica, antropologia do imaginário e filosofias da imaginação, Gandhy Piorski, tamanha é a afinidade que sua fala tem com essa minha linda vivência.

> A botânica do brincar desperta um imaginar da beleza. São muitos os adornos com flores e folhas que denotam um olhar de intimidade para o delicado e o mínimo das formas e cores. (...) as folhas da bananeira, agora é mundo, é enredo, é narrativa de tão elástica substancialidade. Emerge, então, uma imaginação das experiências do belo na natureza. (GANDHY, Piorski, *Brinquedos do chão: a natureza, o imaginário e o brincar.* P. 71)

Sim, muitos e belos eram os materiais oferecidos pela natureza para brincarmos de *fazer brinquedos: árvores e seus* galhões e galhinhos, folhagens e flores, terra seca ou molhada eram o diamante bruto a ser lapidado na brincadeira. Fazer brinquedos, de fato ou apenas com a imaginação, já era brincar. Portanto, para mim foi muito fácil apreender e compreender em meus estudos posteriores o que hoje chamamos de *brinquedos não estruturados*. Para esclarecer a respeito desse conceito e ressaltar a sua importância, faz-se enriquecedora a seguinte afirmação:

> O brincar não tem a especialidade técnica; está mais próximo do trabalho do artesão do que do homem industrial. O material do brincar, do brincar dos restos, especialmente dos restos naturais, traz a matéria essencial sem os racionalismos do brinquedo pronto, amiudado à realidade. É a memória do primitivo trato inventivo com o mundo natural e da exigência de conhecê-lo para habitá-lo. (GANDHY, Piorski. Op. Cit. P. 103)

Pois bem, foi muito menina que eu descobri o valor desse *brincar artesão* próprio do *brinquedo não estruturado*, aquele que não está pronto, acabado, dado. E tão intensa foi minha identificação com tal forma de brincar que, logo que optei por dedicar-me à Educação, travei o compromisso de proporcionar tal experiência aos meus alunos, indo na contramão da avassaladora propaganda dos brinquedos

industrializados e *tecnologizados*, prontos, padronizados e com manual de instrução. Brinquedos que, em demasia, roubam das crianças o tempo encantador da descoberta, do aprendizado, da criatividade, da sociabilidade e do contato com a natureza.

Os reflexos de minha infância em sintonia com a natureza muito me ajudaram a compreender o quão devastador é a infância sem ela, o que me levou, no decorrer do tempo, a me unir às tantas vozes que, em alto e bom som, fazem a crítica ao consumismo fechado em quadro paredes.

O meu brincar de criança levou-me também a compreender a importância, sobretudo para nós educadores, do contato com obras como *Crianças do Consumo* que, por meio de estudos e pesquisas, nos mostram com clareza a dinâmica da criação-ação do *nicho mercado infantil* na contemporaneidade: sua estratégia, efeitos e resultados tão nefastos na formação e na vida das crianças. No prefácio da obra, Penelope Lech escreve:

> Todos sabem que as empresas precisam lucrar; para ganhar cada vez mais elas precisam expandir seus produtos e seus mercados, vendendo o máximo que puderem para o maior número de pessoas. (...) As pessoas gostam de evitar verdades desagradáveis, mas por meio de muitos exemplos, Susan Linn nos força a enxergar um mundo no qual é considerado legítimo tratar crianças e seus gostos como um mercado potencial e manipula-los como tal. Como isso ocorreu? Por que permitimos que isso continue? (LINN, Susan. Crianças do Consumo, P. 15-16)

A consciência da necessidade de resistência a essa triste e trágica realidade de um brincar industrializado e de crianças tratadas como meros consumidores, somada ao meu amor pela Educação e minha intimidade com a natureza, foi reforçando e dando vida ao meu sonho de construir uma Eco escola. Um sonho, que antes de ser racionalmente formulado, já estava lá, nos afetos da minha infância como uma pulsão de vida a me motivar. Mas essas são cenas do próximo Reflexo. Em outras palavras, uma história a ser contada no próximo capítulo desse trabalho. Pois esse ainda não terminou!

É preciso registrar ainda que a natureza não é a única mãe que aparece nos reflexos do meu *brincar.*

A alegria e as brincadeiras vividas com Dona Iris, minha mãe, são das lembranças mais expressivas da nossa infância. Éramos quatro filhas junto a uma mãe guerreira sim, mas também muito brincalhona que alimentava o nosso *eu festeiro*. Somos todas da festa, até hoje.

Mas que grande privilegio tem, quem conta com uma mãe que não apenas valoriza o brincar, mas *brinca junto!*

Na verdade, éramos uma equipe muito bem organizada. Mais especificamente, ajudávamos nossa mãe nos afazeres da casa, para que ela pudesse sair conosco para brincar na rua.

Assim, nos reflexos do espelho da minha vida de criança estampam-se cenas como pegar água na bica, tirar o leite da vaca, cuidar dos animais, limpar a casa. Aparece também a figura do Sr. Deldébio, meu pai, fazendo um banquinho de madeira para dar a altura da pia para eu poder lavar a louça. Inesquecível!

Depois dessa empreitada, a rua! Naquela época a rua também era lugar de brincar. Nela, vivíamos a cidade e a vizinhança.

Recentemente, conversando sobre essas lembranças com uma amiga que tem enorme apreço por minha mãe, vi ela se surpreender alegremente com o fato de minha mãe brincar na rua conosco. E então eu expliquei que Dona Iris foi nossa mestra do *pular corda*, da correria do *mãe da rua*, do *jogar fubeca*[3] e até mesmo de fazer limonada e toalhinhas para brincar de *venda* no portão. E valia vender de verdade. Vizinhos e transeuntes simpáticos compravam nossa limonada e nossas toalhas, o que se traduziu em aprendizado sobre sistema monetário e na lida com a matemática. O amor pelos números foi passado a mim por minha mãe.

E é por tudo isso que hoje eu também sei que o melhor que podemos fazer por nós mesmos é cuidar. Amar. E amar brincando!

Brincando com nossos alunos todos, os pequenos e os grandes. Brincando com nossos filhos e nossos amigos. E principalmente, amar brincando com nossa netinha que há pouco veio ao mundo e que desde já adotou a natureza como seu brinquedo preferido.

---

[3] Fubeca: pequena esfera vítrea, nos jogos infantis se atira uma bola contra outra; bola de gude.

– Isso Mariah, sinta a plantinha. É assim mesmo que a vovó Regina gostava de brincar. Só não arranca a folhinha da natureza, tá bom?!

REFLEXO 3

Eu também sou os **HOMENS DA MINHA VIDA**

REFLEXO 3

Eu também sou os HOMENS DA MINHA VIDA

Meus reflexos masculinos! São muito claros e bem desenhados os reflexos deles no espelho da minha vida.

Se da minha mãe vejo em mim a força da guerreira e a amante do estar e do brincar com a natureza, do meu pai reluz o trabalho, a alegria e amor aos animais.

Seu Deldébio era um viajante e por isso nossa história é marcada de saudades. Caminhoneiro, passava muito tempo na estrada e já sabíamos, em casa, que quando ele chegava, era preciso sermos cuidadosas e pacientes, porque cansado era bastante bravo. Mas o cansaço passava e, logo, ele enchia nossa casa de alegria. Era muito brincalhão, festeiro e vaidoso. Nunca nos deixou faltar nada. E, em parte, isso se deve a conexão dele com os animais. Sim, com os animais.

Se minha vida, hoje, é repleta da graça e do afeto de animais é porque meu pai nos mostrou o quanto eles valem.

Foi pelas estradas da vida que papai conheceu muito da tão bela diversidade de animais, muitos dos quais, como porcos, galinhas, e cabritos, por exemplo, iam parar no nosso quintal.

Lá meu pai cuidava e depois os matava para o nosso sustento. Era quando se dava a abundância na nossa mesa, pois aproveitávamos todas as partes do animal. Porém, havia nisso tudo, um reflexo de dor, de razões a compreender e sentimentos a trabalhar, pois era muito difícil se alimentar dos animais que nos afeiçoávamos cuidando. Algumas vezes, ao olhar no espelho da adolescência, vejo no reflexo das festas de final do ano, meu eu menina correndo para não ouvir os berros do carneiro ao ser abatido.

Meu pai também caçava para que pudéssemos comer carne. Sim senhores, saia tarde da noite para caçar rã, tatu e até passarinho.

Das viagens, também trazia cavalos. Ah, os cavalos! Ele tinha um olhar apurado para ver quando um cavalo, bem tratado, ficaria viçoso e atraente para venda. E esses lindos animais, de porte e trote marcantes que pareciam enobrecer o nosso quintal, são hoje talvez os mais queridos e admirados por toda nossa família. É bonito ver a ultima geração, nossas crianças, desde bem cedo vestindo botina para cuidar, brincar e querer montar.

Assim, amor e gratidão a todos os bichos da natureza se espelham na minha história: na infância pobre em que vários deles, criados e caçados, nos garantiram momentos de abundância na alimentação e nos dias de hoje nos tantos animais que fazem parte da nossa família e principalmente da nossa Eco escola[4], todos tratados com cuidado, amor e muita admiração.

Quando estou em chamego com meus gatos em minha casa ou quando vejo nossos alunos, os pequenos e os grandes, a se encantar com a boniteza do pavão que desfila por nossa escola, ou a sorrir com o pular corrido e gracioso dos esquilos pelas árvores ou pelo chão dos nossos pátios, eu me vejo em meu pai. Estar perto dos animais é das melhores coisas que faço por mim e por muitos outros.

O segundo grande homem da minha vida, aquele que aparece como reflexo de cumplicidade em momentos definitivos da minha história, eu conheci aos embalos de outra paixão: a música. Uma bela canção e um violão, era eu! Sim, a menina-moça que queria cantar e dançar aparece insistentemente no espelho do que eu sou eu. De aprendiz dedicada, me tornei, logo, professora de violão. Meu primeiro trabalho e minha primeira experiência na arte de ensinar. Como eu me realizava!

Nas voltas do tocar e cantar, conheci aquele que veio a ser meu companheiro de vida: Sérgio. Ele tocava bateria em uma banda e a música nos aproximou. E, assim, embalados por canções que amávamos começamos a escrever uma história.

Uma história de amor, de alegria, de cumplicidade e de construção de uma relação duradoura, que como qualquer construir dá trabalho. Exige diálogo,

[4] Eco escola: Há mais de 31 anos, a Viverde Escola de Educação Básica, em Bragança Paulista, sensibiliza sua comunidade escolar para as questões do desenvolvimento sustentável. Todo o espaço da escola é rodeado de árvores, animais, construções ecológicas, cortado por um ribeirão totalmente limpo. A natureza é a sala de aula da Viverde.

superação das dificuldades, perdão, respeito ao eu do outro e, ao mesmo tempo criação de um nós.

E cá estamos nós, a trabalhar nossa história já há 48 anos. Tempo que foi nos presenteando com os resultados do nosso amor e da nossa luta. Primeiro, nossos filhos, Serginho e, depois Raissa enlaçaram o *nós* que construímos com a fita de um amor incondicional e do melhor legado que podemos deixar ao mundo: jovens que fazem a diferença em nossas vidas e no mundo. Ela, festeira e falante com os olhos de gata. Ele, sereno com uma boniteza mais silenciosa que emana ternura. Ambos, do bem, com um enorme senso de responsabilidade social e luta pela preservação do meio ambiente.

Enfim, minha família, agora mais do que nunca pela chegada da netinha Mariah, filha do Serginho e da Luana, minha nora, que entrou em nossa família e hoje eu a considero como se fosse minha filha, é parte grande do que há de melhor de mim, o mais reluzente dos reflexos.

É preciso dizer ainda que aquele moço da banda que se fez o meu amor, também se tornou parceiro de sonhos e de uma realização que preenche nossa vida, a nossa, a de nossos filhos e de muitas outras pessoas. Nosso orgulho, nosso trabalho, nossa bandeira de luta por um mundo melhor. Mas isso é história para o próximo capítulo, ou melhor, para o reflexo do que em família nos tornamos a cada dia. O melhor que fazemos por nós mesmos e pelo mundo: educar para vida!

REFLEXO 4

Eu sou a **VIVERDE**

REFLEXO 4

Eu sou a VIVERDE

Hoje, olho no espelho e vejo, como um pano de fundo de todos os meus reflexos, um sonho realizado. Uma eco escola onde se encontram as várias faces do meu *eu*: a família, a equipe de trabalho e os alunos; a natureza, em uma infinidade de tons de verde e o colorido alegre das flores; o ar puro, os animais em sua diversidade e o rio que navega por nossa escola; as crianças a aprender brincando e a brincar aprendendo; as salas de aula, os saberes entrelaçados e o livre pensamento; crianças e adolescentes a *se fazer*, trocar e relacionar-se no *conhecer*, no *poetizar*, no *transgredir* e no *filosofar*; a responsabilidade social e o eterno *vir a ser* sempre em sintonia com a meio ambiente; as conquistas a comemorar, os desafios a enfrentar e os ideais a perseverar. Lindos reflexos de uma eco escola que hoje recebe alunos da Educação Infantil ao Ensino Médio.

Sempre que me olho como VIVERDE, vejo o reflexo daquela menina-moça que concluindo o Magistério, abraçou a Educação para nunca mais se separar; que trabalhou onze anos com o maternal em uma Escola Privada e, com matemática e música em uma Escola Pública, cada vez mais motivada a, um dia, criar a escola de meus sonhos.

4.1 Como tudo começou...

Sérgio, o namorado que já se tornara marido, montou uma empresa de reciclagem de chumbo, período em que conseguimos construir nossa primeira casa. Pouco tempo depois, amantes da natureza, trocamos nossa casa na cidade por uma chácara muito charmosa e novas paisagens se estampam nos reflexos do espelho da minha história.

Nesse período também reluzem os reflexos mais lindos da minha existência, nossos filhos. Eis que surgem em nossas vidas a luz de um garotinho com cabelo cor de sol e o brilho do sorriso de uma menininha sapeca com os olhos de gato, Serginho e Raissa, duas crianças com idades muito próximas.

A maternidade me encantou e me ocupou e, então, parei de dar aulas por um tempo. Contudo, o amor aos filhos, regado ao amor à Educação, só faziam pulsar em mim o sonho de construir minha própria escola, pois queria muito que Serginho e Raissa tivessem um aprendizado diferente.

Mas que diferença era essa, afinal?

Eu e Sérgio queríamos educar nossos filhos para vida e isso significava, antes de tudo, tê-los integrados à natureza, aprendendo com ela e desfrutando dos encantos que ela oferece: ar puro, companhia dos animais, sombra das árvores, colorido das flores, água corrente e muito verde. Significava também que tivessem uma formação - um olhar, um saber e fazer-se em que a arte, a cultura, a responsabilidade social e a preservação do meio ambiente fossem elementos fundamentais no desenvolvimento intelectual e cognitivo deles.

A escola dos nossos sonhos seria, portanto, feita de *espaços educadores*, abertos e fechados, que permitissem aos nossos alunos perceber a natureza como parte do que somos. Uma escola que potencializasse a convivência, fazendo *cooperar* os seres vivos em favor de uma escola de excelência e felicidade. Um aprendizado em que as grandes copas das árvores oferecem-se como sombra e abrigo da reflexão e da leitura; o passear do exibido pavão ensinasse a admirar o belo e a graça dos esquilos saltitantes nos fizesse parar para reverenciar a alegria e a ternura.

A escola dos nossos sonhos seria também uma escola onde o rio ensinasse sobre o valor da água para a humanidade e para o planeta, mas que também convidasse as crianças para um divertido passeio de boia no ribeirão (boia cross); uma escola amorosa, alicerçada na ética e no bem comum, onde pais, alunos e professores; mantenedores, gestores e funcionários pudessem se encontrar para experimentar possibilidades, encarar riscos, desafios e responsabilidades; um lugar

de encontros para aprender interdisciplinarmente, dançar quadrilha, viver acantonamentos e celebrar momentos daqueles que não se esquecem jamais; uma escola que, todos os dias, brindasse o conhecimento, a pesquisa, e os afetos, usando da intuição, da ciência e das tecnologias para a construção de um mundo melhor para ser, viver e conviver.

Não queríamos outra. Haveria de ser essa escola, com todo esse diferencial.

4.2 E do sonho se construiu realidade...

O sonho começou a se fazer realidade, em 1991 quando criamos uma eco escola no *quintal* da nossa casa. Por que não? Afinal nossa chácara, com a natureza preservada e bem cuidada, era o espaço ideal para dar aos nossos filhos, no início, e futuramente a tantas outras crianças, a educação diferenciada que pretendíamos.

Ah, e ela deveria ter, também, um nome dos sonhos, ou seja, um nome que refletisse o encantamento do *vir a ser* que pretendíamos para a escola. Deveria sugerir a vida, o viver. E a natureza, o verde. Sim, era isso: viver o verde.

E assim nasceu a *Viverde Escologia Infantil – viver, ver e aprender com o verde*. Contudo, quando iniciamos com o Ensino Fundamental, a legislação não aceitou o termo *escologia e,* então, mudamos para *Viverde Escola de Educação Básica.*

E a nossa Viverde nasceu singela, com três alunos - meus dois filhos e o filho do caseiro. No início, tive minha irmã e minha cunhada como sócias, mas já no final do primeiro ano da escola, resolvi comprar a parte delas. Foi esse o momento em que meu marido optou por vender sua parte da empresa e investir na escola. E assim uniram-se o amor ao ensinar ao amor ao empreender, entrelaçados pelo amor em comum à natureza. Ambos encantados e compromissados em formar para a vida, aproximando e sintonizando crianças e jovens ao meio ambiente.

Com o tempo, novos alunos foram chegando e nossa escola foi crescendo. Foi quando Sérgio comprou um ônibus para fazer o transporte dos alunos, pois nossa escola era distante da cidade e os pais precisavam ter segurança no transporte.

No reflexo do espelho do meu *eu viverdeano*, vejo o Sérgio dirigindo um ônibus todo colorido, adesivado com motivos da natureza. Doce lembrança!

Ao contrário do que muitos apostavam, nosso sonho se concretizou e foi além.

Sim, muitos duvidavam que desse certo. Falavam que não teríamos alunos na roça; que a estrada era perigosa; que era muito longe da cidade; que os donos da escola, acreditem, eram *hippies*[5] a *inventar moda* de crianças aprendendo ao ar livre, com espaço para brincar, com aulas debaixo de árvores e convivendo com animais.

Dessa história de *donos hippies* rimos até hoje.

Mas nós fomos, sim, ousados em ser vanguarda em muitos aspectos, contudo, mais do que isso, fomos pessoas de fé. Acreditávamos para valer nos nossos ideais e na possibilidade do ser humano realizar seus sonhos. E em Deus a nos abençoar.

Hoje, trinta e dois anos depois, somos uma eco escola com 650 alunos e duas Unidades, uma em Bragança e uma em Socorro. E já recebemos os filhos de nossos primeiros alunos de maternal que, como seus pais, se formaram *viverdeando* por aqui. E essa é uma história que vale a pena contar!

4.3 Para se ter uma ideia do que significa "viverdear"

Quando olho no espelho buscando o meu *eu viverdeano* eu me emociono e frequentemente choro, tamanha é a quantidade e a boniteza dos reflexos das ações e projetos já realizados, em todas as áreas do conhecimento.

[5] Hippies- quem, em especial nas décadas de 60 e 70 do século XX, se opunha aos valores da sociedade, geralmente com cabelos compridos e vestuário pouco convencional e defendendo um modo de vida baseado no amor e na paz.

Na moldura do meu espelho, traçam-se contornos de práticas pedagógicas criativas e de excelência revolucionária em termos da brincadeira, do aprendizado, do protagonismo, do livre pensar, do pensamento crítico, da responsabilidade social e do amor a natureza, da participação de nossos alunos, dos pequeninos aos grandes. Também se mostram lindos os contornos delineados pela entrega, paixão, idealismo e excelência dos nossos professores, gestores e de toda a comunidade Viverde. E então eu me certifico de que uma das melhores coisas que fiz e continuo fazendo por mim mesma é a de me fazer um *nós* com pessoas que fizeram e fazem a diferença na Viverde: família, amigos, equipe de trabalho e todos aqueles que, de alguma forma, lançaram seu tijolo na construção de nosso sonho de escola e que hoje chamamos, carinhosamente, de *viverdianos*.

Tivemos vários projetos interessantes e alguns prêmios que muito honram a todos, mas um que muito me orgulha foi o Prêmio da Unilever que premiou três escolas no Brasil com aquelas que apresentam as melhores práticas do Brincar. Em seguida, o convite de Renata Meirelles, que foi uma das juradas do prêmio, educadora, cineasta e que pede mais espaço e tempo para a brincadeira livre na infância, para fazermos parte do Território do Brincar, trabalho de escuta, intercâmbio de saberes, registros e difusão da cultura infantil, com produções e publicações relevantes. Nós estávamos lá entre as cinco escolas selecionadas. Reflexos de uma experiência Incrível.

Não cabe nos limites desse trabalho o relato de todas as vivências que mereciam destaque nesses trinta e dois anos de vida da Viverde, mas gostaria de finalizar compartilhando a riqueza e a beleza de uma ação que se tornou um dos mais lindos projetos realizados na escola e que tão bem reflete o que somos.

De um gesto revolucionário, a construção conjunta de tamanha boniteza...

Gandy Piorski afirmou que "*quando a imaginação da criança encontra a natureza, ela se potencializa e se torna imaginação criadora*". E foi exatamente o que aconteceu.

Quando nossa escola já implantava o Ensino Fundamental II, nossa professora de Geografia, muito aflita, me procurou para dizer que alguns alunos planejavam fazer uma invasão em uma *terra improdutiva* da escola - um terreno da chácara que ficava do outro lado rio, onde ainda não havíamos trabalhado ou construído.

Antes que eu dissesse algo, ela foi logo explicando que a ideia partiu de um trabalho sobre o tema Reforma Agrária que fazia parte do conteúdo. Como criatividade, ousadia e protagonismo sempre me encantaram, sorrindo eu apenas disse: - Deixe que invadam! Vamos ver como e o que realizam.

Deise, a professora, estranhou minha pronta resposta, mas, também, topou imediatamente. Ela sempre teve excelência no desenvolvimento e aprendizagem por meio de projetos. Seguimos em frente. E o que começou como projeto de uma turma, se tornou um projeto da escola toda.

Invadiu-se o terreno.

Mas o que fazer com ele?

Um minissítio, a moda da cultura regional. A ideia encantou!

Assim, a partir da pesquisa e do trabalho com a cultura caipira da nossa região, deu-se inicio ao projeto. De acordo com o livro: Os parceiros do Rio Bonito, de Antonio Candido (1971), foi a partir da expansão geográfica dos paulistas, entre os séculos XVI e XVIII, que as características iniciais dos colonizadores desdobraram-se numa variedade subcultural do português, denominado Cultura Caipira. Uma cultura é composta de valores, normas, crenças, políticas, artefatos, formas de pensar, atuar e de saberes. Os saberes caipiras estão vinculados à preservação de costumes de importante significado histórico-cultural, como a prática da roça, o uso e o manejo dos recursos naturais por meio de conhecimentos sobre a flora.

Mas para começar era preciso fazer uma ponte. E assim foi feito. Depois disso, cada turma se encarregou de uma parte do projeto, sempre com vistas ao todo. Também se envolveram os pais e as famílias. Tudo foi construído por nós, até uma casinha caipira, com fogão a lenha e toalhinhas coloridas feitas de fuxico. Gente grande e gente muito pequena. Todos participaram, deixando um pouco de si. Hoje nosso minissitio tem uma diversidade muito grande de animais e

minianimais vivendo alegres e bem tratados como se vive em um sítio, não em um zoológico. Quando nasce um animalzinho, até os meninos do Ensino Médio vão lhe dar boas-vindas. Aliás, é lugar de honra para fotos do álbum de formatura. Todos querem levar a imagem das bonitezas e das delicias que vivem ali.

Enfim, ao olhar no espelho dessa vivência da escola, vejo o melhor do mundo, porque vejo o quanto se pesquisou, o quanto se aprendeu, o quanto se criou, o quanto se sorriu, o quanto encantou!

E todo aluno que vier viverdear por aqui terá no reflexo de sua vida escolar um lugar encantado, que de *improdutivo*, se tornou o lugar onde a vida pulsa em todos os corações caipiras e dos não caipiras também. Eis umas das melhores coisas que já fiz por mim mesma e pelos outros:

- Deixem que invadam!

Eu acreditei. Tive fé na meninada, na minha equipe de trabalho, no meu sonho de escola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Eu sou a **FESTA**

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Eu sou a FESTA

Muitos, dentre familiares, amigos e viverdianos que passaram pela minha vida e por nossa escola, dizem em alto e bom som eu sou uma *festeira* sem medida. E eles têm toda razão, pois se fosse me pedido para resumir em uma frase os reflexos do que sou eu e diria: - Eu sou a *festa!*

Sim, falou em festa, falou comigo, falou de mim, falou da forma com que vejo e vivo a vida. Não falo da festa como uma alegria vivida ininterruptamente. Afinal isso não o existe para ninguém. Existem, para todos nós, os tempos difíceis, seja por uma dor do corpo ou um desassossego da alma; seja por algum desalento ou tristeza; seja pelas perdas e fracassos. Cada um de uma forma e com uma intensidade, mas todos experimentamos esses afetos.

Nem sempre se pode ser festa. Mas se pode apreender a festa como preparo, esperança e celebração, pois a festa nos fortalece e nos lança em um *vir a ser* repleto de encantamento. Por isso alimento a festa na minha vida e promovo a festa sempre que posso. E como dizem meus amigos, me faço reflexo delas.

A festa é encontro, encanto, vida que pulsa. A festa é diversão, alegria, comemoração.

A festa é canção!

A festa é uma dança de fitas em um emaranhado de cores e de amores. A festa é partilhar o pão. É conquista e também superação.

Mesmo considerando os percalços, posso afirmar que minha vida foi repleta de festa, foi uma festa.

E são tantos os reflexos! Como já foi dito, tive uma infância de muitas faltas, mas experimentei a festa de sobreviver às condições difíceis em que nasci. Que boniteza é ter sobrevivido em uma incubadora feita de nuvens de algodão e do amor de minha ancestralidade feminina, minha avó e minha mãe.

E falando de mulheres especiais, todas também muito festeiras, é preciso dizer que minhas irmãs foram um grande festejo.

Muito festejamos em um brincar que se fez rico de amor e natureza.

Aliás, brincar na natureza e com a natureza também era festa garantida.

Meu pai que presenteou com o amor pelos animais me levou à festança de tê-los sempre bem perto de mim, em nossa casa e especialmente em nossa escola.

A graça astuta dos meus gatos a se aninhar no meu colo é uma festa.

O olhar dos alunos ao pavão exibido que, livre pela escola, dá o seu show ao abrir suas asas, é uma festa.

A alegria, o encantamento e a interação dos nossos pequenos da Educação Infantil com os animais do minissitio é uma festa.

O minissítio em si mesmo é uma festa coisas para os alunos pequenos e também para os grandes. Muito se festeja por lá.

Também aparecem no espelho da minha vida reflexos musicais a celebrar a festa que é para mim a minha família. Meu companheiro de vida, de sonho e de realizações. Nossos filhos. E a festança abençoada de mais uma vida a ser celebrada. Mariah, minha netinha. Tão pequenina e já festeira como a vovó, celebra as bonitezas da natureza.

E é por essas e outras que amo a festa. Ela nos possibilita unir, agregar, estar junto para comemorar os encantos da vida e a superação dos desalentos da caminhada.

Não poderia deixar de dizer que nossa escola é também lugar de festa. Na verdade, de festa grande, daquelas que envolvem muita gente, preparação e dedicação apaixonada. São festas que misturam, lindamente, gente à natureza vibrante que temos a felicidade de ter naquele espaço.

Sim, a Viverde é um ninho de festas. De muitas e de diferentes tipos. Claro, não cabe nos contornos desse trabalho, descrever todas elas, mas há uma que não posso deixar de celebrar, aqui e agora. Então, vamos a ela.

Todos os anos fazemos nossa Festa Junina que, longe de ser apenas um dia, é todo um processo de aprendizagem de conteúdos referentes a nosso folclore, tradição e cultura. É a festa do apreender, sentir e fazer acontecer. Nela tudo faz

sentido, da ornamentação às músicas e danças. Tudo tem cor, conteúdo, amor e boniteza.

A escola fica repleta de gente. Há pessoas celebrando a vida de lindas formas em todos os cantos. Sempre. Mas esse ano nossa festa teve uma motivação diferente, tão significativa e encantadora quanto àqueles que nos inspiraram a realiza-la. Tudo começou quando a história de certa família que em certo ônibus muito simpático cruzou meu caminho. Que sorte a minha.

Estou me referindo à trupe familiar Carroça de Mamulengos com seus saberes e fazeres a festejar nossas brasilidades. A trupe formada por Carlos Gomide -Babau (pai), Schirley (mãe), oitos filhos e mais os netos há quarenta anos apresenta sua arte pelo mundo. Formada por brincantes, atores, músicos, bonequeiros, contadores de histórias e palhaços, a família se inspira na cultura brasileira e vivem para sua arte, celebrando a riqueza, saberes culturais e a simplicidade do Brasil e seu povo.

A festa na sua mais bela essência: é assim a Carroça de Mamulengos.

Toda chegada é uma Chegança! Por isso, quando chega a uma cidade, a trupe apresenta sua bandeira. Bandeiras alegram corações e mentes. Bandeiras simbolizam as histórias que nos atravessam, nossas memórias, nossos saberes e quereres.

Aquele que chega traz consigo alegria e bons ventos. Aquele que chega traz saúde, risos e muita paz.

E também foi assim que começamos a preparar a nossa Festa Junina de 2022. Famílias fazendo suas bandeiras. E em cada bandeira das famílias que chegaram à Viverde em 2022, tivemos estampadas histórias de vida, os caminhos traçados e o destino nas mãos.

Cada turma escolheu uma música da Carroça para cantar, fizeram adereços e criaram danças. Nossos bonecões foram a versão Viverdiana dos bonecos da Carroça. E a festa aconteceu. Linda de se ver. Linda de viver.

Tudo foi encantador.

Tudo foi boniteza.

Ciência e magia.

Conhecimento e diversão.

Muitos foram os fazeres, os encontros e as celebrações.

E lá no reflexo de tanto festejo, estava eu, mais uma vez, a festejar com a família, com nossos alunos e seus familiares, com nossos ex-alunos a matar a saudade, com muitos amigos e pessoas de nossa região que, admiradores da nossa escola, não perdem a nossa *chegança* da celebração de São João.

E é assim através das experiências vividas e refletidas entre o eu e os outros na constituição do sujeito que eu também vou *carroçando* por aí e levando para o mundo, de sonho em sonho e de festa em festa, o melhor de mim. E isso é, com certeza, o que de mais significativo posso fazer por nós mesmos.

Salve Carroça de Mamulengos.

Salve Escola VIVERDE.

Salve São João.

Salve a Educação.

BIBLIOGRAFIA

1. FROMM, Erich. A Arte de Amar. São Paulo, Editora Martins Fontes, 2000.

2. PIORSKI, Gandhy. Brinquedos do Chão: a natureza, o imaginário e o brincar, São Paulo, Editora Peirópolis, 2016.

3. LINN, Susan. Crianças do Consumo: a infância roubada. São Paulo, Editora Instituto Alana, 2006.

4. SOUZA, Antonio Cândido de Mello. Parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. São Paulo, Editora Edusp, 1971.